

## MAPA FALANTE NA ESCOLA: UMA FERRAMENTA EDUCATIVA PARA DEMOCRATIZAR O CONHECIMENTO E REPENSAR ESPAÇOS NATURAIS

Angélica Lucas Bezerra  
*Mestre em Políticas Públicas*  
angelicalucasbezerra@gmail.com

Giovane Camilo de Souza  
*Estudante de mestrado do Programa de Políticas Públicas*  
souzacamilo.eng@hotmail.com

Agnes de Sousa Arruda  
*Professora do Programa de Mestrado em Políticas  
Públicas*  
agness@umc.br

Maria Santina de Castro Morini  
*Professora do Programa de Mestrado em Políticas  
Públicas*  
morini@umc.br

### Resumo

O presente estudo teve como objetivo apresentar as percepções infantis sobre os espaços naturais escolares, utilizando a técnica do Mapa Falante como ferramenta participativa, educativa e democrática. A atividade foi realizada em duas escolas públicas com características similares, localizadas em áreas urbanas no município de Mogi das Cruzes (SP). A pesquisa envolveu 56 crianças, com idades entre 3 a 6 anos, que foram incentivadas a expressar livremente seus desejos e ideias por meio de desenhos para a reconstrução do espaço natural. O Mapa Falante foi elaborado de forma coletiva pelas crianças, sendo o processo enriquecido pela escuta atenta de seus educadores, que acompanharam e valorizaram as conversas entre elas ao longo de toda a atividade. A escuta ativa contribuiu para aprofundar o diálogo e fortalecer a construção colaborativa dos mapas. Os mapas revelam que crianças de 3 a 4 anos tendem a propor intervenções que remetem a brinquedos tradicionais de parque, em detrimento de elementos naturais de brincadeira no espaço escolar. Enquanto as de 5 a 6 anos valorizam os elementos naturais, sugerindo uma possível relação entre idade, experiências prévias e vínculo com a natureza. O estudo reforça o papel da infância como sujeito de direitos e produtora de conhecimento, contribuindo para a democratização do saber e a construção de ambientes escolares mais inclusivos e sustentáveis.

Palavras-chave: espaços verdes, meio ambiente, prática pedagógica

### Abstract

The present study aimed to present children's perceptions of school natural spaces, using the Talking Map technique as a participatory, educational, and democratic tool. The activity was carried out in two public schools with similar characteristics, located in urban areas of the municipality of Mogi das Cruzes (SP), Brazil. The research involved 56 children, aged between 3 and 6 years, who were encouraged to freely express their desires and ideas through drawings to reimagine the natural space. The Talking Map was created collectively by the children, with the process enriched by the attentive listening of their educators, who followed and valued the conversations among them throughout the activity. This active listening helped deepen dialogue and strengthen the

collaborative construction of the maps. The maps reveal that children aged 3 to 4 tend to propose interventions that reflect traditional playground equipment, rather than natural play elements within the school environment. In contrast, those aged 5 to 6 value natural elements more, suggesting a possible relationship between age, prior experiences, and connection to nature. The study reinforces the role of childhood as a subject of rights and a producer of knowledge, contributing to the democratization of knowledge and the construction of more inclusive and sustainable school environments.

Keywords: green spaces, environment, pedagogical practice

## **Introdução:**

Desde muito cedo, por meio de suas experiências, a criança aprende formas dinâmicas de ver e estar no mundo, desenvolvendo-se como sujeito alerta, curioso, crítico e confiante. É na primeira infância que se intensifica o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico que moldará sua relação com o meio (LEMOS et al., 2022). Nesse processo, a criança se revela dialógica e participativa, utilizando múltiplas linguagens para expressar sentimentos, fazer escolhas e atribuir sentidos ao mundo que a cerca. A abertura ao diálogo e à expressão simbólica favorecem o estabelecimento de conexões afetivas com os seres vivos e os espaços naturais, tornando a criança mais sensível às necessidades do outro e comprometida com o bem-estar coletivo (CORNELL, 1997). Quando os espaços naturais são valorizados como ambientes de aprendizagem, e as crianças têm oportunidade de vivenciar experiências significativas nesses locais, fortalece-se o compromisso com a cidadania ambiental e com os princípios da sustentabilidade (JACOBI, 2003). Essa conexão favorece a saúde e o desenvolvimento individual, como também contribui para a formação de uma cultura de respeito, pertencimento e responsabilidade socioambiental (LOUV, 2019).

Neste contexto, é fundamental reconhecer as potencialidades dos espaços naturais nas escolas como territórios educativos, mas considerando os interesses, percepções e desejos das crianças em relação ao uso e à configuração desses locais, promovendo a participação ativa nos processos de transformação do ambiente escolar (MOREIRA; SOUZA, 2016). Essa abordagem dialógica contribui para democratizar o conhecimento, ao valorizar saberes plurais e construir, com base na escuta sensível, práticas educativas comprometidas com o direito à natureza e à educação ambiental desde a infância. É nesse escopo que se insere o Mapa Falante, uma ferramenta coletiva de leitura e representação da realidade que dá voz às percepções dos sujeitos por meio de narrativas, desenhos, imagens, palavras e outros recursos expressivos (ESPINDOLA et al., 2020). Assim, é um instrumento de reflexão crítica sobre o espaço habitado, permitindo identificar necessidades, visualizar soluções e estimular o protagonismo dos participantes (SANTOS; PEKELMAN, 2008). Sua aplicação envolve a combinação de observações, registros gráficos e relatos orais, enriquecendo a compreensão sobre como os participantes vivenciam e desejam transformar seus espaços. Dessa forma, o Mapa Falante fortalece práticas que articulam educação, ciência e direito à participação, à natureza e ao conhecimento (SANTOS; TOLEDO, 2023), contribuindo para reimaginar os espaços escolares a partir das experiências infantis.

O mapa falante foi utilizado nesta pesquisa como uma estratégia metodológica participativa de escuta e expressão das crianças, articulando-se à perspectiva da Educação Ambiental crítica. Apoiado no pensamento freireano, compreende-se que a práxis educativa se realiza no diálogo, na problematização e na valorização da experiência vivida pelos sujeitos (FREIRE, 1987; 2020). Ao permitir que as crianças expressem seus desejos e percepções sobre o espaço escolar por meio de narrativas e desenhos, o recurso dialoga com Cornell (1997), que ressalta a importância das múltiplas linguagens da infância e da vivência lúdica com a natureza. Encontra respaldo

também na proposta da ecopedagogia de Gadotti (2000; 2005), que valoriza o envolvimento sensível e reflexivo com o ambiente, e nas contribuições de Sauvè (2005; 2016) e Jacobi (2003), que destacam a relevância de metodologias participativas para a formação do sujeito ecológico. Além disso, a técnica mobiliza a ética do cuidado (BOFF, 2010; 2014) e a cosmovisão crítica proposta por Krenak (2019; 2020), reforçando o vínculo afetivo e o pertencimento no processo educativo. Dessa forma, o mapa falante se configura como um recurso transdisciplinar, pois integra dimensões da Educação Ambiental, da Geografia, da Arte, da Psicologia e da Pedagogia, favorecendo uma leitura ampliada do espaço escolar e da relação das crianças com o ambiente.

O Mapa Falante foi realizado por crianças (n=56; idade: 3 a 6 anos) pertencentes a duas escolas com características semelhantes, localizadas na área urbana do município de Mogi das Cruzes. As crianças de cada escola foram organizadas em três grupos pelo seu educador para que todas tivessem acesso muito próximo a ele; assim todas foram atendidas de forma similar. Cada grupo foi conduzido da sala de aula ao espaço natural da escola para realizar o reconhecimento do ambiente. Durante esse momento, o educador responsável apresentou a proposta da atividade, acompanhando o processo de sensibilização das crianças, que se deu de forma espontânea a partir da própria vivência no local. Em seguida, as crianças foram motivadas a desenhar o que quisessem para o espaço natural e tiveram tempo livre para elaborar seus desenhos e expressar, de forma espontânea, suas ideias e desejos. O papel do educador foi exercitar a escuta ativa das falas das crianças e incentivá-las a expressar suas ideias e percepções por meio de desenhos. A construção do mapa foi coletiva, incentivando a socialização. Os itens representados no Mapa Falante final foram classificados em natural e urbano.

### **Fundamentação teórica:**

A criança é um sujeito potente, que vive infâncias plurais e que tem necessidades e especificidades que precisam ser garantidas no espaço escolar. Disponibilizar ambientes abertos para a infância contribui para que a criança reconheça o lugar como seu e do grupo, transformando-o em um território de aprendizagem, com múltiplas formas de uso para pensar, ler, conversar, socializar, brincar ou observar os animais e plantas ao seu redor. Um bom ambiente escolar oferece diversidade de usos e possibilidades, sendo, muitas vezes, o único espaço social ao qual a criança tem acesso (GIUGLIANI et al., 2020). Neste contexto, o universo educativo assume cada vez mais o desafio sobre as relações da criança com a e na natureza, compreendendo o quanto importante é esse processo de conectar-se com o meio natural e de que forma isso a oportuniza a se relacionar com ela mesma, com sua história e cultura (TIRIBA, 2018; TIRIBA; PROFICE, 2019).

A Constituição Brasileira de 1988 reconhece as crianças como cidadãs de direito, e a escuta de seus desejos representa o respeito a um princípio democrático. Desse modo, garantir o espaço e o tempo de ser criança, de viver plenamente a infância, é fundamental para o desenvolvimento integral em contextos que favoreçam a liberdade, o contato com a natureza e a diversidade de experiências. Este processo está profundamente ligado aos seus direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, promovendo não apenas seu crescimento físico e cognitivo, mas também emocional, social, cultural e ambiental (BNCC, 2018). Assim, a infância se revela como um momento único e insubstituível no qual as crianças devem ter a oportunidade de vivenciar experiências significativas em ambientes que estimulam sua curiosidade, criatividade e autonomia. Ao assegurar essas condições, abre oportunidades para que cada criança construa sua identidade de forma integral, conectando-se ao mundo, às pessoas ao seu redor, enquanto aprende a valorizar a si mesma, os outros e o ambiente natural como parte essencial de sua formação e do seu direito de ser criança (NCPI, 2014).

Na relação meio ambiente e educação para a cidadania, as limitações versam

sobre os temas ambientais pouco explorados na escola e por estruturas de pensamentos inspirados nos princípios cartesianos (SILVA, 2021). Isso compromete as condições da educação ambiental no âmbito curricular, nas condições discursivas de aprender a interpretar as crises ambientais, na fragmentação da prática cotidiana, nos valores que a permeiam, nos saberes compartimentalizados em várias ciências e nas ações dos diversos profissionais da educação (GRÜN, 1996). A compreensão do ambiente natural vai além dos aspectos físicos e biológicos, englobando as complexas interações entre os sistemas naturais e sociais, bem como as percepções, os valores e as práticas culturais que a sociedade associa à natureza (SAUVÉ, 2007).

O Mapa Falante é um instrumento para qualificar a percepção da realidade e recebe este nome justamente porque os participantes dão vozes por meio de narrativas, contos e diálogos sobre suas representações. A elaboração é coletiva, com coleta e registro de informações e percepções sobre um espaço, realizado pelos participantes que conhecem a realidade local, que a partir das percepções e reflexões desenvolvem ideias e pontuam necessidades acerca do fenômeno em estudo, reunindo um conjunto de imagens, desenhos, palavras, fotos, ou outras ferramentas ilustrativas que refletem a realidade vivida (SANTOS; PEKELMAN, 2008).

### **Desenvolvimento do tema:**

A análise do Mapa Falante elaborado pelas crianças revelou diferentes percepções e desejos em relação ao ambiente natural escolar, variando conforme a faixa etária. O reconhecimento do ambiente constituiu uma etapa fundamental no desenvolvimento das atividades (Figura 1), pois possibilitou a sensibilização das crianças em relação ao espaço escolar. Essa vivência inicial, foi potencializada por brincadeiras entre as crianças que as ajudaram a compreender melhor o espaço onde estavam inseridas. O ato de brincar, além de fortalecer vínculos e promover a exploração do ambiente, contribui para o desenvolvimento integral, influenciando de maneira significativa o equilíbrio emocional e a eficácia nas relações sociais ao longo da vida (FARIA et al., 2018), e, no caso deste trabalho, ao longo das atividades desenvolvidas.

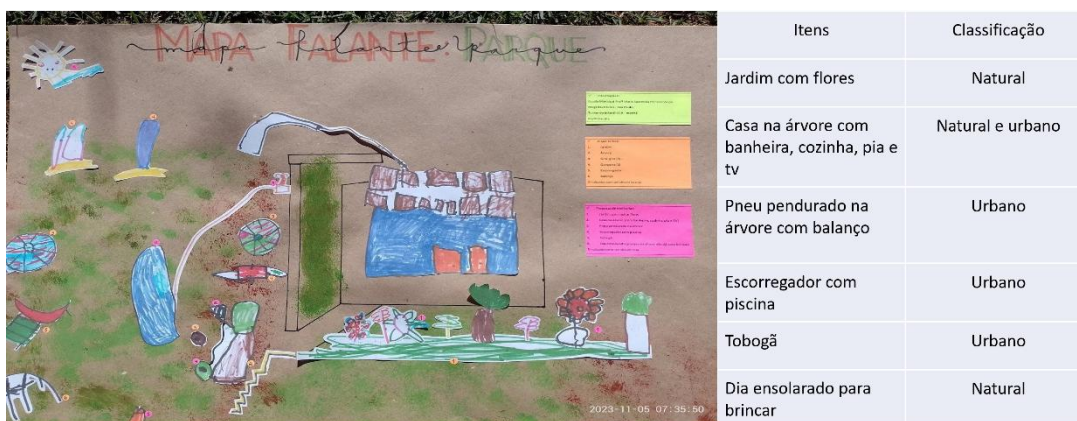


**Figura 1** Reconhecimento do espaço natural da escola pelas crianças.  
Fonte: Angélica Lucas Bezerra

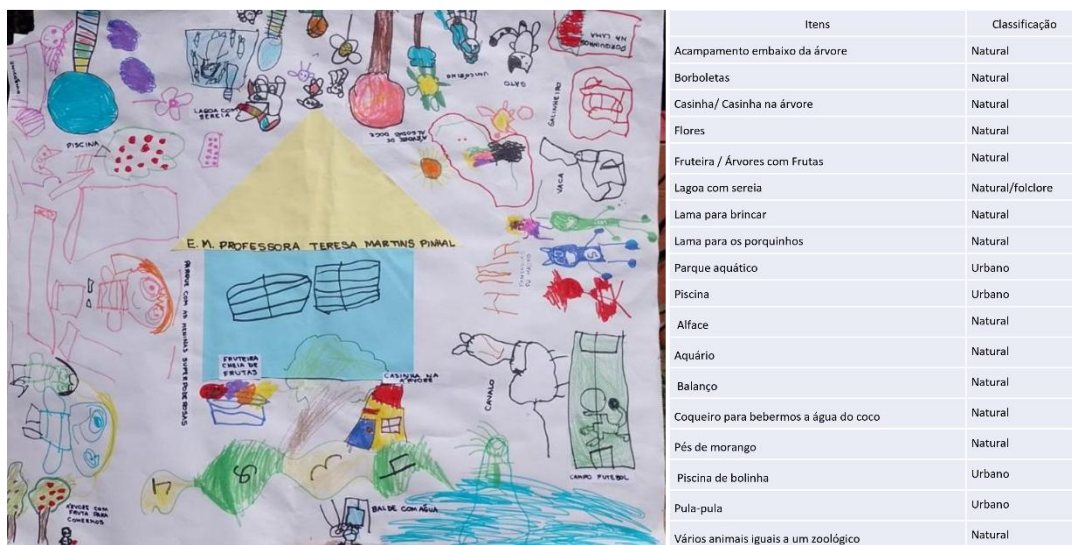
As produções das crianças de 3 a 4 anos revelam a presença de referências urbanas em suas propostas de transformação do espaço (Figura 2), com sugestões que envolvem construções, brinquedos estruturados e áreas pavimentadas. Esse cenário indica a predominância de interesses urbanos mesmo dentro do espaço natural da escola, sugerindo que outros elementos (p.e., televisão) exercem maior influência sobre o imaginário infantil do que as experiências vivenciadas na própria escola. Em contraste, os mapas das crianças de 5 a 6 anos evidenciam um interesse mais acentuado por elementos naturais, como árvores, flores, animais e áreas verdes (Figura 3), apontando

para uma valorização do contato com a natureza e de experiências no ambiente escolar. O resultado sugere que os alunos entre 5 e 6 anos apresentam um repertório mais amplo relacionado ao contato com a natureza, o que indica maior familiaridade com esse tipo de ambiente e pode ter influenciado a elaboração do Mapa Falante final. A diferença etária também sugere que o tempo de vivência e o amadurecimento das experiências sensoriais e afetivas com o meio ambiente contribuem para uma maior valorização da natureza.

Neste contexto, as práticas pedagógicas que favorecem o contato direto e frequente com o espaço natural da escola podem potencializar o desenvolvimento de uma consciência ambiental mais sensível e significativa desde a primeira infância. Tais práticas contribuem também para a democratização do conhecimento, ao possibilitar que todas as crianças, independentemente de sua origem social ou territorial, tenham acesso a experiências educativas integradas à natureza, valorizando saberes que vão além do currículo tradicional (JACOBI, 2003). Os resultados evidenciam, assim, a importância de priorizar a relação das crianças com o ambiente natural nas propostas pedagógicas, especialmente entre aquelas de 3 a 4 anos. Quanto mais as crianças vivenciam o mundo natural de forma ativa, mais se reconhecem como parte dele e se engajam em ações de cuidado e sustentabilidade (TIRIBA; PROFICE, 2019). Desse modo, a promoção de práticas educativas ambientais desde a infância contribui não apenas para a formação de sujeitos mais conscientes, mas também para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora.



**Figura 2** Narrativas das crianças (N=17 entre 3 a 4 anos) sobre o que querem para o espaço natural. O desenho representa o Mapa Falante construído coletivamente. A tabela mostra a classificação dos itens apresentados no mapa como natural e urbano. Imagens feitas por Cláudia Regina Gomes Barbosa.



**Figura 3** Narrativas das crianças (N= 39 entre 4 a 6 anos) sobre o que querem para o espaço natural. O desenho representa o Mapa Falante construído coletivamente. A tabela mostra a classificação dos itens apresentados no mapa como natural e urbano. Imagens feitas por Vanessa Alcântara de Oliveira.

A implementação de ações e projetos voltados à incorporação de elementos naturais no ambiente escolar deve constituir um esforço coletivo, envolvendo ativamente toda a comunidade escolar. Além disso, essa temática precisa ocupar uma posição central nas políticas públicas educacionais (BRASIL, 2012), o que ainda representa um desafio a ser plenamente alcançado. O concreto pode ser substituído por terra, grama, hortas e outras plantações, criando áreas favoráveis para aprendizagem. Algumas escolas enfrentam limitações, como infraestrutura inadequada ou falta de espaço, que impedem a retirada da pavimentação. Nesses casos, uma alternativa é expandir as atividades escolares para o entorno, utilizando praças e parques públicos como espaços de aprendizagem que oferece uma oportunidade valiosa para que os estudantes ocupem esses espaços.

A abordagem por meio do Mapa Falante valoriza a voz das crianças, incentivando sua participação no planejamento e no cuidado com o meio ambiente, fortalece o vínculo com o lugar e transforma o espaço escolar em um lugar vivo de aprendizado. Essa abordagem busca capacitar os indivíduos e comunidades a se tornarem agentes ativos de mudança, comprometidos com a sustentabilidade e a justiça socioambiental (MURAD; TAVARES, 2023). Além disso, a socialização promovida em grupo durante a apresentação do Mapa Falante evidenciou o potencial da atividade em gerar um senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada entre as crianças, mesmo estando em idade infantil. As percepções das crianças indicam possibilidades de transformação dos espaços escolares em ambientes mais naturais e acolhedores.

Os resultados destacam a relevância da participação ativa das crianças na identificação e proposição de soluções para os desafios ambientais nas escolas. Neste sentido, este estudo ressalta a importância da educação ambiental como catalisadora destes resultados para fomentar mudanças locais de maneira concreta.

### Considerações finais:

Os resultados deste estudo indicam que estratégias participativas, como a adotada na pesquisa, possuem potencial para serem ampliadas, fortalecendo os vínculos entre a escola e o meio ambiente. Tais estratégias promovem uma educação mais contextualizada e alinhada à realidade das crianças. Ao reconhecer as crianças como sujeitos de direito e valorizar suas vozes, a iniciativa contribui para a democratização do ensino ao fomentar práticas pedagógicas inclusivas e participativas,

que ampliam o acesso ao conhecimento e estimulam o engajamento desde os primeiros anos da trajetória escolar.

O uso do Mapa Falante como técnica participativa mostrou-se especialmente eficaz para acessar e interpretar o universo simbólico da primeira infância, revelando suas percepções, desejos e repertórios em relação ao espaço escolar. Esses resultados reforçam a importância de iniciar o trabalho com educação ambiental desde os primeiros anos da infância, por meio de práticas sensíveis e adequadas ao desenvolvimento infantil, que valorizem a escuta, a expressão e o contato direto com a natureza. Diante disso, o estudo ressalta a importância de incorporar mais natureza ao ambiente escolar como um esforço coletivo envolvendo toda a comunidade educativa, reforçando políticas públicas que apoiem a reestruturação dos espaços escolares. A educação ambiental, nesse contexto, deve ocorrer em espaços que favoreçam essa interação, rompendo com os limites físicos da sala de aula e incorporando a natureza como recurso pedagógico, experiencial e formativo.

O Mapa Falante demonstrou ser uma ferramenta eficaz para acessar a percepção das crianças sobre os espaços escolares em relação ao ambiente natural, revelando como seus repertórios no cotidiano influenciam suas preferências. Além disso, favorece reflexões coletivas ao proporcionar uma leitura mais ampla e detalhada das condições dos espaços naturais nas escolas. E a utilização dessa técnica, mesmo na primeira infância, pode mostrar importantes informações sobre a relação entre criança, urbanização e natureza, evidenciando a urgência de uma educação ambiental verdadeiramente integradora e prática.

### **Agradecimentos**

Às professoras Claudia Regina Gomes Barbosa e Cristiane Vanessa Alcântara de Oliveira, pela participação ativa nas atividades com os alunos; às escolas municipais Profa. Maria Aparecida Pinheiro Volpe e Profa. Teresa Martins Pinhal, pela infraestrutura concedida e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior), pela bolsa concedida à primeira autora.

### **Referências**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. *Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental*. Brasília: MEC, 2012.

BOFF, L.. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOFF, L.. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORNELL, J. *A alegria de aprender com a natureza*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

CORNELL, J.. *Compartilhando a natureza com crianças*. São Paulo: Cultrix, 1997.

ESPÍNDOLA, B. C.; SABÓIA, V. M.; MACEDO, R. A. Mapa falante como instrumento de produção de dados na pesquisa qualitativa. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, e882974883, 2020. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4883>

FARIA, L. H. P.; DIETRICH, A. M.; GOMES, V. M. S. A contação de história como instrumento de mediação para o ensino de ciências a estudantes do ensino fundamental.

*Revista Eletrônica de Pesquisa em Educação*, v. 10, n. 20, p. 230-250, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Educar para a sustentabilidade: ecopedagogia e educação sustentável*. São Paulo: Cortez, 2005.

GIUGLIANI, C.; CESA, K. T.; FLORES, E. M. T.; MELLO, V. R.; ROBINSON, P. G. A escola como espaço de participação social e promoção da cidadania: a experiência de construção da participação em um ambiente escolar. *Saúde em Debate*, v. 44, n. especial 1, p. 64-78, 2020.

GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. São Paulo: Papirus, 1996.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, 2003.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEMONS, A. E. C.; MAGIOLINO, L. L. S.; SILVA, D. N. H. Desenvolvimento e personalidade: o papel do meio na primeira infância. *Educação & Realidade*, v. 47, e116926, 2022.

LOUV, R. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. São Paulo: Aquariana, 2019.

MOREIRA, A. R. P.; SOUZA, T. N. Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 20, p. 229-237, 2016.

MURAD, A. T.; TAVARES, S. S. Justiça ambiental e sustentabilidade: alertas e esperanças. *Perspectiva Teológica*, v. 55, n. 2, p. 283-290, 2023.

NCPI – NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. *O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem*. 2014. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca\\_feliz/Treinamento\\_Multiplicadores\\_Coordenadores/IMPACTO\\_DESENVOLVIMENTO\\_PRIMEIRA%20INFANCIA\\_SOBRE\\_APRENDIZAGEM.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/IMPACTO_DESENVOLVIMENTO_PRIMEIRA%20INFANCIA_SOBRE_APRENDIZAGEM.pdf). Acesso em: 17 ago. 2025.

SANTOS, A. A.; PEKELMAN, R. A escola, o território e o lugar: a promoção de espaços de saúde. *Revista OKARA: Geografia em Debate*, v. 2, n. 1, p. 3-11, 2008.

SANTOS, F. N. P.; TOLEDO, R. F. Círculos de cultura sobre determinantes socioambientais: pesquisa-ação com agentes comunitárias de saúde de Paraisópolis, SP. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 41, e20190353, 2020. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190353>

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 2, n. 2, 2007.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 37, n. 136, p. 1085-1104, 2016.

SILVA, C. D. D. *Educação ambiental, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: investigações, desafios e perspectivas futuras*. 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

TIRIBA, L. *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Multirio, 2018.

TIRIBA, L.; PROFICE, C. C. Crianças da natureza: vivências, saberes e pertencimento. *Educação & Realidade*, v. 44, n. 2, e88370, 2019.